

mente ele é muito menos frequente do que os travestis pretendem que se acredite. Muito embora este seja um programa que resulte em uma das maiores remunerações, percebe-se que a ereção não deve ser regularmente conseguida devido ao processo de feminização apoiada na ingestão de hormônios. Neuza de Oliveira e textual a consequência mais drástica dessa prática é a redução da capacidade de ereção em decorrência da desordenação do metabolismo orgânico (p. 73).

Na realidade, no encontro entre travesti e cliente embaralham-se os signos de masculino e feminino. Apesar de ser o travesti que modela o seu corpo e o seu comportamento segundo padrões femininos e o cliente que, com aparência masculina solicita a penetração colocando-se assim numa posição feminina, considerando-se o modo como se articula a cultura sexual brasileira<sup>3</sup>. No terreno da ambiguidade as inversões se sucedem, o estigma ainda que temporário recai sobre o cliente e o travesti que ao modelar o seu corpo desenfata sua virilidade e chamado a afirmar-la porque é exatamente o que o cliente parece procurar.

O mundo dos travestis melhor se revela num episódio. O apreço pela ambiguidade e pela inversão fica evidente na história do casamento de uma mulher homossexual com um travesti e de cuja união nasce um filho (p. 76). Estamos aqui no domínio do mito. Menos que a pergunta sobre a veracidade da versão, o que cabe

assinalar é a estrutura narrativa que potencializa a ambiguidade e o sentido de margens que caracterizam o mundo dos travestis. Cesar Paiva, um amigo antropólogo já falecido há muito tempo, denominou-a de "inverso do reverso".

Neuza escolhe a visibilidade de Roberto Ciase famoso transexual no cenário nacional para ensaiar uma interpretação mais generalizante. Propõe que o sucesso de Ciase pode ser considerado como um indicador de que a sociedade brasileira tem optado pelo falso (travesti, produtos eletrônicos da Coreia, Taiwan e Hong Kong) (p. 51). Diante desta generalização um pouco apressada, cabe assinalar que falso e ambíguo não são sinônimos. E que certamente há muito a se investigar sobre aquilo que constitui a cultura sexual e erótica brasileira que invade domínios aparentemente distantes de duas fronteiras iniciais<sup>4</sup>.

Para concluir, considero que a questão que no momento mais se destaca em qual quer reflexão sobre sexualidade e o papel das doenças sexualmente transmissíveis na construção das fantasias e no exercício do prazer. É muito problemático que um trabalho sobre prostituição homossexual não faça uma única referência a Aids. Quase no final do livro (p. 126) o leitor descobre que o trabalho de campo foi feito (provavelmente) em 1983, porém nenhuma palavra lhe foi dirigida avisando o que o contexto e pré-Aids. Seria desejável que a apresentação de Damas de Pau trouxesse alguma referência a sexualidade na era do vírus HIV.

<sup>3</sup> PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Passões. Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

MARIA DULCE GASPAR ■

## A trama das mulheres

### Tecendo por Trás dos Panos: A mulher brasileira nas relações familiares

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia

Rio de Janeiro: Rocco, 1994

Nos últimos dez anos assistimos ao surgimento de vários trabalhos e livros referentes à mulher oriunda dos estratos médios urbanos no Brasil.

O interesse por essas mulheres e famílias parece florescer entre os pesquisadores, assim como a mídia feminina abre cada vez mais espaço nos diferentes veículos de comunicação, buscando mapear e, ao mesmo tempo, influenciar os contornos da tão falada "mulher moderna e profissional".

*Tecendo por Trás dos Panos*, a mulher brasileira nas relações familiares, de Maria Lucia Rocha Coutinho, nasce no bojo da crescente demanda de informações sobre essas mulheres. O leitor, mas atento, provavelmente inci-

gar-se a respeito da origem e motivação da pesquisa pois não ficamos sabendo na apresentação da autora nem na introdução se este livro é resultado de trabalho para titulação acadêmica ou se foi realizado através de instituições financiadoras de apoio a pesquisa. Tal observação pode parecer pouco pertinente mas não é na medida em que permanecemos intrigados durante a leitura com o encadeamento da narrativa proposto pela autora. A impressão é de que estamos lendo partes de um trabalho de fôlego maior que necessitou ser remodelado para a edição em livro. Entretanto foi possível obter informação extra de que se trata da pesquisa de Doutorado em Psicologia efetuada por Maria Lucia Rocha Coutinho na PUC/RJ.

Na introdução a autora traça um painel de como esforços desenvolvidos conjuntamente por pesquisadores de diversas áreas trouxeram luz aos processos sociais e culturais que engendram a Mulher e o Homem fundando os estudos de gênero que têm contribuído no sentido de abandonarmos a dicotomia opressão masculina versus subordinação feminina.

Temos então a apresentação das primeiras ideias/teses da pesquisadora que serão discutidas ao longo do livro: faz como a de que nem vítimas nem algozes acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina, formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social adversa (p. 19) se quisermos entender melhor a mulher e sua posição em nossa sociedade faz-se necessária uma análise cuidadosa de como as mulheres se submetem e resistem a essas regras de autoridade e poder que regem as vidas pública e privada. Ou seja, é fundamental um estudo sobre as estratégias utilizadas pelas mulheres para resistir a esta autoridade e poder socialmente legitimados do homem na família e na sociedade (p. 20).

Na introdução a autora revela que pretende examinar algumas formas de controle/manipulação ou estratégias usadas pelas mulheres em suas relações familiares. O objetivo é descartar apenas parte destas formas de controle ou estratégias por elas utilizadas a fim de melhor entendermos a mulher atual e melhor conhecermos algumas de suas precursoras que quase sempre anonimamente foram tecendo ao longo dos tempos formas de ser mulher (p. 22).

Para situarmos melhor o trabalho é interessante dizer que Maria Lucia Rocha Coutinho pesquisou estes mecanismos do poder em duas gerações de mulheres da Zona Sul do Rio de Janeiro

mulheres que têm entre 35 e 45 anos de idade e viveram sua adolescência e/ou início da vida adulta no final da década de 60 e nos primeiros anos da década de 70 e suas mães que tiveram seus primeiros filhos no período pós-Segunda Guerra Mundial.

A escolha destas duas gerações confere a pesquisa uma riqueza enorme na medida em que nos possibilita reconhecer a convivência simultânea e contraditória de valores antigos e modernos nessas mulheres. Além de observarmos a importância da socialização primária e secundária<sup>1</sup> na transmissão e manutenção de valores, normas, símbolos, crenças e comportamentos que podem fazer pavor aos modernos mas mantendo a mesma função de cobrar algo por trás destes pavor.

Como nos alerta a autora porquanto os papéis e estereótipos com relação a mulher e consequentemente suas estratégias de controle possam ter-se modificado em uma direção menos conservadora tendo em vista a contínua transformação de valores e modelos culturais que se opera em um meio definido como moderno e que de certa forma exige um estilo de vida mais participante acreditamos ser possível verificar ainda a existência de traços conservadores sobreviventes da antiga sociedade patriarcal brasileira (p. 23).

O segundo capítulo aborda a questão do confinamento a vida doméstica e o caráter político e ideológico da maternidade exercida como destino último da mulher. O terceiro capítulo atém-se a identidade feminina como discurso ideológico a aprender a ser mulher, a regulação do desejo, a naturalização dos papéis, enfim temas já conhecidos e relativamente estudados em outros trabalhos publicados anteriormente?

Ainda no capítulo terceiro temos como subtema a descrição da crise dos anos 70 que já se avizinhava rapidamente das mulheres que pretendiam trabalhar fora de casa e que almejavam conciliar a vida privada e a vida pública. Maria Lucia Rocha Coutinho conclui que esta crise iniciada nos anos 70 perdura ao nível da sociedade e do sujeito como algo a ser ainda solucionado satisfatoriamente já que problemas da conciliação entre o trabalho fora de casa e a família foram relegados às decisões individuais das mulheres. Conciliação que tem-se mostrado impossível no meu modo de ver sem que ocor

<sup>1</sup> Depois da Maternidade Inicial a Socialização In MASSI, *Mãe, Vida de Mulheres catolano e imigrante*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 152.

<sup>2</sup> Madaluz, Malvina Muskiol, Rosska D. Oliveira e Vera Pava são autoras importantes para o estudo do tema.

ra uma profunda reformulação social dos papéis de homem e de mulher em nossa sociedade assim como uma providencial revolução na organização dos cuidados primários das filhas<sup>3</sup>

Porém, e no quarto capítulo, *A Mulher no Brasil*, que a autora mostra o seu campo de trabalho onde é capaz de descartar os panos e nos introduzir nas tramas de como as mulheres brasileiras puderam resistir à posição de poder e autoridade dos homens.

Em uma reconstrução histórica da realidade cotidiana e social a partir da época das matrizes coloniais, a autora consegue costurar com vivacidade a intersecção entre história e literatura brasileiras, nos oferecendo uma visão acurada de como essas mulheres amenizavam a opressão e utilizavam as estratégias de controle.

O leitor perceberá portanto, que da página 66 (cap. 4) em diante Maria Lucia Rocha Coutinho abre os panos e mostra a originalidade de seu trabalho alcançando no quinto capítulo (*As Estratégias de Controle Feminino como Resultado do Papel e da Posição da Mulher na Sociedade*) o cerne das indagações inicialmente propostas.

Considerando estratégias de controle, as formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partia espontaneamente desta pessoa e acrescentando que as estratégias empregadas em geral estão relacionadas à distribuição de poder e autoridade, não apenas no espaço doméstico, mas também na sociedade de um modo geral (p. 21), a autora mostra como as mulheres aperfeiçoaram táticas de sobrevivência emocional e de poder dentro do sistema patriarcal e puderam de certo modo extrair algum benefício secundário mesmo num contexto adverso.

O último capítulo refere-se à pesquisa de campo propriamente dita, consistindo de depoimentos dos sujeitos escolhidos, oito pares de mães e filhas, e a análise dos discursos a partir de cinco categorias definidas de estratégias de controle: formas diretas, ordens, ameaças e repreensões, *jeitinho*, cobrança, chantagem emocional e fragilização do mando e dos filhos, cuidados com a casa.

Através destas categorias de análise, temos que as mulheres brasileiras de classe média com idade entre 60 e 75 anos de idade, que se casaram e tornaram-se mães no período da

pos-guerra desenvolveram estratégias sofisticadas de manipulação para o exercício de controle sobre sua família, como o *jeitinho*, a cobrança, a vigilância, a chantagem emocional e a fragilização de seus mandos e filhos. Ao passo que suas filhas, na faixa dos 35 aos 45 anos de idade, que sofreram na adolescência o impacto das mudanças proporcionadas pelos movimentos feministas dos anos 60, apresentam de modo distinto as mesmas estratégias de controle, ainda que de forma mais contraditória, dividida e culpada, em suas respectivas famílias.

Para ambos os grupos, mães e filhas, podemos observar que, apesar da diferença geracional, o paradigma da diferença entre homens e mulheres e dado pela maternagem, assim, a especificidade do papel da mulher nos cuidados primários e na educação permanece intacto, ou seja, a mãe continua a ser vista como insubstituível na criação dos filhos. A dupla jornada tem um dia seus maiores aliados nesta crença aparentemente imutável da mãe insubstituível. Paradoxalmente, aí parece residir a sensação de poder máximo das mulheres, já que homens algum podem tirar lhes este singular atributo<sup>4</sup>.

Como conclusão, podemos afirmar que o entendimento das relações de poder da mulher/mãe no seio da família, desenvolvida por Maria Lucia Rocha Coutinho, nos é bastante útil no trabalho com mulheres e até nas terapias de família, pelo fato de deslocar a convencional ideia da mulher massacrada pelo homem, sem recursos de defesa na guerra familiar e pública. A ótica escolhida pela autora demonstra como a mulher, ao defender-se da opressão masculina, acaba colaborando, consciente ou inconscientemente, na perpetuação do malfadado modelo patriarcal.

Para finalizar, citemos a própria autora em um diagnóstico preciso da problemática por ela estudada, sem se dar conta, portanto, a mulher contribui para a manutenção do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria, ainda que muitas vezes apenas em nível de discurso, se rebela. Romper com esta situação significa antes de mais nada, tomar consciência deste jogo que se estabeleceu através dos séculos e no qual homens e mulheres são perdedores (p. 239).

Para as pesquisadoras sobre as mulheres dos estratos médios urbanos trata-se, sem dúvida, de um livro indispensável.

<sup>3</sup> Estou me referindo às ideias desenvolvidas pela psicanalista e feminista americana Nancy Chodorow. Ver *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*, University of California Press, 1978.

<sup>4</sup> CONTRATTO, Susan. *The Fantasy of the Perfect Mother*. In: CHODOROW, Nancy J. *Feminism and Psychoanalytic Theory*. Yale University Press, 1989.

MARINA MASSI ■